

ALGUMAS NOTAS

para uma nova poética

A poesia é talvez hoje a voz menos escutada. Nos bons tempos do romantismo, o poeta podia acreditar na sua missão social; e se ele mesmo exagerava, isso não era considerado ainda pura ficção. Mas Jean-Richard Bloch disse-nos já que o século XIX está bem morto... Como pode então o poeta recuperar o seu privilégio? Depois do Parnaso e do Simbolismo (movimentos literários tão contraditórios para alguns, mas que, sob este ponto de vista, convergem), não se tem ele tornado mais humano e, portanto, mais universal? E quem diz mais universal diz também mais atento às fontes naturais e populares. Eis aqui o que depende dele e que ele pode fazer sem se diminuir. E então o resultado será este: a missão do poeta é função de dois termos: a sociedade e o poeta. Está na essência da poesia ser construção, síntese: razão e instinto, música e plástica: todo o homem e todas as artes. Supõe, pois, uma espiritualidade poderosa, uma ordem soberana. Numa época em que a sociedade desorganizada não lhe dá essa espiritualidade poderosa e essa ordem soberana, a poesia perde-se, morre. A hostilidade do meio seca a inspiração...

Não poderá então o poeta ter uma missão social? Porque não? Podemos mesmo dizer que algumas nações modernas são filhas de poetas. E os gestos das multidões justificam-se muitas vezes por razões puramente líricas. E' evidente que hoje um novo mito—uma ordem e um homem novos—tende a criar-se. A Máquina, elemento novo no equilíbrio humano, procura tudo submeter à sua lei. Acrescentemos algumas filosofias novas e algumas figuras da ciência e eis aí o bastante para que a nossa época seja uma época de sigilo, perigosa, exaltante. Falta agora um grande poeta para a cantar.

A poesia opera a transmutação das coisas e sob a sua influência nenhum elemento verdadeiramente inerte existe. Tudo o que cai sob a sua luz brilha ou vibra.

A arte—toda a arte—na severidade das suas linhas é periodicamente necessária. Mas no-

taí bem: a poesia é síntese. Não é nem a música, nem a imagem, nem a idéa: ela é ao mesmo tempo tudo isso. Se se procura a sua pura essência, creio bem que só aí a poderemos encontrar: pura forma ou pura síntese. Mas desta síntese, despojada dos elementos que ela organiza, o que ficaria? Seria preciso então preencher de novo as formas vazias da realidade poética, insuflar-lhes toda a seiva bruta da realidade objectiva.

A única crítica em que o poeta pode consentir é precisamente esse exame tendente a salvar a poesia dos elementos parasitas.

O que justifica o maior esforço de alguns poetas para a poesia «pura» é sem dúvida esta excitação tumultuosa e contraditória do mundo moderno. Se a poesia se abrisse a todo este campo de batalha, seria como as estrelas: apagar-se-ia à luz forte da realidade ou brilharia mais viva na confusão da noite. Mas ela não pode ordenar todas estas contradições; o seu poder de síntese naufraga em sua grandiosa tarefa. Porque senão teríamos a poesia transformada em forte atleta: a lira de prata e a túnica de seda substituídas pela férrea espada e resistente armadura de cobre...

As fontes de inspiração dos poetas novos serão tantas quantas as formas de vida continuamente mudáveis.

Se a poesia atravessa uma «crise», ela não é menos paradoxal do que a da nossa economia. A poesia parece-se a esta humanidade moderna que, segundo a expressão de Bergson, «geme sob o peso dos progressos que ela mesma realizou». Experimenta assim o poeta a necessidade de se limitar. Mas seria vão querer excluir uma parte do todo: nada de verdadeiramente humano lhe é estranho. E' necessária uma limitação não de quantidade, mas sim de qualidade ou, se o preferis, de densidade. A grande dificuldade está em saber

tirar das coisas o que elas têm de especificamente poético.

E' necessário distinguir o lirismo da exaltação. O lirismo é controlável até ao absurdo. A exaltação é absurda e incontrollável. O «sagrado delírio» dos velhos poetas não era exaltação. E isto até na própria vida social... Lembro-me daquele homem que passou a sua vida a fazer discursos e que terminava sempre por estas palavras:

«E' preciso acabar com a retórica! Abaixo a retórica!...» Este homem era, com certeza, um exaltado.

Deve o poeta limitar a sua visão à humanidade geográfica do seu tempo?

O poeta vive; melhor: sente-se viver. Portanto...

O poeta deve «universalizar-se» o mais possível, de modo a encontrar-se com toda a gente num terreno onde o entendimento seja fácil, afectuoso, útil. Mas esta «extensão» do poeta confunde-se muitas vezes com as «excentricidades» que o tornam original, bizarro...

O verdadeiro poeta aspira à simplicidade.

O poeta deve viver o que escreve. Se ele se ilude e engana os outros, terá pelo menos a desculpa da sua sinceridade e, à falta de sucesso, o castigo dos mediocres e dos conformistas.

Parece-nos que um artista não pode exprimir-se sem tomar partido. Todo o pensamento formulado supõe uma escolha e leva após si mais ou menos implicitamente um sistema de idéas. Mas quanto a saber se o artista deve passar do plano do pensamento ao da acção... Imaginai, por exemplo, o poeta do «Só» revestido de poderes discricionários e ampliando aos «problemas múltiplos» do nosso tempo «soluções urgentes»...

A grande ode deu lugar à pequena canção. As canções de trabalho do homem moderno são as novas canções de gesta.

MANUEL FILIPE.

Cartas dum imaginário camponês a um senhor verdadeiro da cidade

(Continuação da página 3)

E não penses que te mostrei o pior, meu companheiro super-civilizado. Em toda a aldeia, aonde quer que vás, lá estará o mesmo cheiro a mofa, a mesma enxérga e os mesmos tarecos, igual montureira à porta... Como se consegue viver misto não sei dizer-to. Vive-se, eis tudo. Eu tenho-me perguntado millhentas vezes por que

prodígio as crianças resistem a atmosferas destas, como podem crescer, fazerem-se homens, chegarem a velhos. Pergunto-me mas fico enleado, sem atinar resposta que me dê. Creio entretanto que é a vida ao ar livre, o sol amigo, o sol dourado que as salva. Pois o que seria se não fosse isto?